

O FRANQUISMO VAI À FEIRA

O REGIME FRANQUISTA, AS FEIRAS MUNDIAIS E AS IMAGENS DA NAÇÃO

Adrian Shubert

Dep. História, Universidade de York, Canadá

O Nacionalismo, tal como Deus e o diabo, reside nos detalhes. Eric Hobsbawm descreveu o determinante lugar das pequenas coisas na criação do nacionalismo de massas: hinos, bandeiras, peças de vestuário, até mesmo selos do correio. (E Carlos Serrano demonstrou a ausência de tais componentes em Espanha¹.) Mas o nacionalismo também se alimenta do espectacular e do teatral, e os últimos 150 anos produziram uma quantidade de ocasiões para o espectáculo nacional, e nenhuma melhor do que os Jogos Olímpicos e as Feiras Mundiais. As Olimpíadas são o maior dos dois acontecimentos e certamente que chamam a si uma maior audiência, especialmente na era da televisão, mas como ocasiões para as nações se mostrarem ao mundo, permitem apenas uma só e não muito distinta mensagem.

As Feiras Mundiais, pelo contrário, permitem – e até exigem – uma muito maior variedade e individualidade. Mesmo quando a feira tem um tema geral cada nação participante tem a oportunidade de o interpretar como bem o desejar e, através do seu pavilhão, tem um espaço seu onde o fazer. As feiras são, nas palavras de Robert Rydell, «universos simbólicos ideologicamente coerentes» que «constituem a realidade social através das representações que dela fazem»². As mostras, e em especial os vários pavilhões nacionais, «reflectem as aspirações das elites que os financiaram, governaram e construíram»³. O pavilhão nacional é uma oportunidade sem paralelo – e sem contestação – para as elites nacionais representarem a sua nação como gostariam que ela fosse, ou como gostariam que os outros a vissem. Como escreveu Mauricio Tenorio-Trillo no seu excelente livro *Mexico on World Fairs*, as exposições eram «a arena da fabricação do nacionalismo moderno» nas quais as imagens da nação eram «manipuladas no seio da teia do poder»⁴. Não há uma expressão mais clara desta situação do que a introdução escrita por Angel Luís González Pérez, o Comissá-

rio Geral da Secção Espanhola na Exposição de Sevilha de 1992 para uma série de livros acerca da feira: «Representar um país [...] numa Exposição Universal é muito mais do que a soma de actividades arquitectónicas, artísticas, culturais e expositivas. É um complexo projecto de auto-representação que exige um delicado processo de introspecção histórica para salientar desapaixonadamente as páginas mais significativas do passado, proceder a uma atractiva e fiel síntese da realidade presente e delinear as características fundamentais do futuro próximo, sem permitir o sentimento de paralisia pelo medo de perturbar o delicado equilíbrio que liga o realismo bem informado ao idealismo estimulante»⁵.

As elites políticas nacionais na Europa cedo perceberam a importância das Feiras Mundiais como ocasiões para tal auto-representação. Na verdade, a emergência e desenvolvimento de tais feiras coincidiu com a criação do moderno nacionalismo de massas no último terço do século XIX. A primeira feira teve lugar em Londres em 1851 e era uma afirmação da grandeza industrial da Grã-Bretanha. Havia o Palácio de Cristal mas não havia edifícios separados para os vários países. Isto iria mudar muito em breve: a «principal novidade» da grande feira seguinte, a Exposição de Paris de 1867, era a «proliferação de pavilhões nacionais» nos quais os vários países ofereciam as suas visões de si próprios. Havia nove pavilhões fora do principal edifício da exposição, incluindo um da Espanha⁶. A Espanha fazia assim parte do nascimento do pavilhão nacional em 1867 e tem tido desde então uma presença consistente nas Feiras Mundiais. Em várias ocasiões a Espanha foi uma de entre muito poucas nações a ter um pavilhão: na feira de Filadélfia de 1876, que celebrava o centenário da independência americana, havia apenas outros oito pavilhões estrangeiros, e na Feira do Século do Progresso de 1933 em Chicago havia apenas outros seis⁷.

Esta longa história de participação parece contradizer a crença generalizada no desinteresse e inabilidade do estado espanhol para gerar um nacionalismo de massas⁸. Fornece igualmente uma oportunidade para comparar as diversas representações do seu país que as elites de vários regimes políticos ofereceram ao mundo e aos seus próprios cidadãos. Este artigo analisa estas formas de auto-representação nas duas mais importantes feiras que tiveram lugar durante o regime de Franco: a Exposição de Bruxelas de 1958 e a Feira Mundial de Nova Iorque de 1964-65. Haverá ainda uma consideração menos pormenorizada sobre a presença da Espanha em várias outras feiras: a Exposição Colombiana de 1893 de Chicago, a feira do Século de Progresso de 1933 também de Chicago, a Exposição de Paris de 1937 e a Expo 1992 de Sevilha, de forma a comparar este aspecto do nacionalismo franquista com a actual monarquia constitucional. O artigo debruçar-se-á não apenas sobre os pavilhões e exposições vistas pelos visitantes destas feiras mas também sobre a forma como a participação da

Espanha foi apresentada aos espanhóis, cuja maioria não se pôde deslocar a Bruxelas ou a Nova Iorque, através das actualidades filmadas NoDo e de um dos maiores veículos do regime na imprensa, a revista *Arriba*.

1. 1893-1937.

A participação da Espanha na Exposição Colombiana de 1893 constituiu um excelente exemplo do que Benedict Anderson apelidou de «nacionalismo oficial» das tradicionais monarquias europeias num esforço de adaptação ao mundo do nacionalismo de massas⁹. Tanto o pavilhão como a contribuição espanhola para as exposições gerais eram essencialmente retrógrados, centrados na monarquia e, acima de tudo, nas antigas glórias do império. E com a excepção do pavilhão na Exposição de Paris de 1937, a participação espanhola em todas as feiras deste período seguiu este padrão.

Este espírito virado para o passado era ainda mais visível no pavilhão: a Espanha era um dos poucos países que haviam construído uma réplica de um edifício real, a Lonja de Valencia, que se destacava no meio da moderna arquitectura da «White City» pela qual a feira é mais conhecida¹⁰. O segundo elemento-chave na participação espanhola em Chicago foi a presença da irmã do rei Alfonso, a infanta Eulalia. A princesa foi o primeiro membro da família real espanhola a pôr um pé na América, e a sua presença provocou o habitual entusiasmo americano pelas monarquias dos outros povos. A infanta foi evocada numa mostra de fogo de artifício e transformada num produto comercial, com a sua imagem vendida em alfinetes de peito de lembrança¹¹.

Mesmo quando a Espanha fez um esforço para mostrar uma faceta mais moderna, o esforço seria ofuscado pelo passado. Os departamentos de Manufaturas, Maquinaria e Naval ostentavam exemplos da indústria espanhola, mas o *Guia Oficial* da feira comentava que «eram as suas contribuições de reliquias históricas que atraíam a maior parte da atenção». O mesmo aconteceu no departamento das Mulheres: a exposição espanhola incluía uma colecção de 500 volumes da autoria de escritoras, na sua maioria do século XIX, escolhidos por Emilia Pardo Bazán, mas o *Guia* apenas mencionava os escritos de Santa Teresa e as «reliquias da rainha Isabel»¹².

A imagem apresentada pela Segunda República na feira «Século de Progresso» de Chicago em 1933-34 era, se possível fora, ainda mais retrógrada. O pavilhão era a reprodução de um antigo palácio, num recurso à tradição que distinguia a Espanha dos principais países europeus, pondo-a na companhia da China, do Japão, de Marrocos e do Egipto. As mostras não eram muito diferen-

tes: trabalhos artísticos e, como exemplos do «que a moderna Espanha tem para oferecer ao mundo», tapeçarias da Fábrica Nacional de Tapetes, bonecas feitas à mão, leques e espadas de Toledo. Para dar um tom de publicidade moderna havia cartazes de touradas. Das políticas de reforma social da república não havia nem uma palavra, em gritante contraste com a Itália Fascista, que exibia acima de tudo as suas políticas económicas e sociais¹³.

A Exposição de Paris de 1937 foi encontrar a Espanha no meio de uma guerra civil que se intensificara e prolongara com a intervenção das potências fascistas, e estas circunstâncias produziram uma auto-representação que divergia radicalmente de tudo o que fora até então exibido. O governo republicano aproveitou esta brilhante oportunidade propagandística para mostrar «toda a vida de um povo que nestes dias dramaticos constrói uma existência nova»¹⁴.

O pavilhão, desenhado por Luis Lacasa e José Luís Sert, o principal discípulo de Le Corbusier em Espanha, era um edifício extremamente moderno, com uma estrutura metálica visível e com painéis de cimento segurados por parafusos, também descobertos. O exterior do pavilhão era igualmente uma afirmação da natureza do estado espanhol. A bandeira tricolor da República esvoaçava sobre o edifício, tal como a *senyera* catalã e a *ikurriña* basca. Três das fachadas do pavilhão ostentavam cartazes. A fachada sudoeste tinha duas imagens separadas: uma de silhuetas de crianças sentadas à volta de um professor, a segunda de um par de camponeses. Nos dois casos o curto texto era em catalão. As outras duas fachadas tinham fotografias de soldados, cada uma com um texto do Presidente Azaña, mas escritos em francês. Um dizia apenas, «Há mais de um milhão de espanhóis nas trincheiras com baionetas para os impedir de passar». O outro falava de um conceito de Espanha, que até poderia ser considerado ambíguo, talvez em conflito com o reconhecimento sem precedentes da diversidade interna e do pluralismo encarnados nas bandeiras e na presença proeminente do catalão: «Lutamos para a *unidade intrínseca da Espanha*. Lutamos pela *integridade do povo espanhol*. Lutamos pela independência da nossa pátria e pelo direito do povo espanhol de decidir o seu destino»¹⁵.

A arte exibida no interior do pavilhão era de vanguarda. A *Guernica* de Picasso era a peça mais famosa, mas a ela juntavam-se trabalhos de Miró, Julio González e de uma variedade de jovens artistas. Ao lado das pinturas e esculturas havia fotomontagens de Josep Renau, incluindo a que ilustra a urgência com que os Republicanos tentaram ultrapassar a tradicional imagem do seu país. Continha duas fotografias em tamanho natural, uma ao lado da outra, de duas mulheres: uma camponesa de aspecto sombrio com o traje regional de Salamanca, e uma mulher com ar alegre envergando o macacão da milícia, com um texto onde se escrevia: «Libertando-se da superstição e da miséria, da escrava imemorial

nasceu a *Mulher*, capaz de tomar uma parte activa no desenvolvimento do futuro»¹⁶. A mensagem passou. Um comentador francês avisava que «os amantes do pitoresco não vão ficar satisfeitos. Quem está à espera de encontrar ciganos misteriosos, toureiros e jovens arrogantes é melhor desenganar-se»¹⁷.

2. *Bruxelas 1958.*

A Exposição Universal e Internacional de 1958 foi a primeira feira mundial realizada depois da Segunda Guerra Mundial e a primeira na Europa depois da feira de Paris de 1937. Concebida à sombra da bomba atómica e organizada no meio da Guerra Fria, a Expo de Bruxelas tinha como tema «Bilan du monde, pour un monde plus humain» («Um balanço do mundo, para um mundo mais humano») e chamava as várias nações a mostrarem as suas realizações tecnológicas e as formas sob as quais tinham contribuído para o progresso humano¹⁸. A parte central da feira era ocupada pelo Pavilhão da Ciência, para o qual apenas nove países, «grandes potências com realizações científicas de longa data» foram convidados a contribuir: os Estados Unidos, a União Soviética, a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha Federal, a Holanda, a Itália, o Canadá e a Espanha¹⁹. E, claro está, a Espanha seria igualmente convidada a oferecer o seu pavilhão nacional.

Para o regime de Franco, esta era uma oportunidade sem precedentes de colaborar neste grande evento internacional. Em 1954, quando foi formalizado o convite, o regime começara a tentar afastar o estatuto de pária que detinha desde o fim da Segunda Guerra Mundial: o Tratado das Bases com os Estados Unidos e a Concordata com o Vaticano, ambos assinados em 1953, davam à Espanha de Franco um reconhecimento de duas importantes fontes, mas a Espanha continuava ausente das Nações Unidas e as democracias ocidentais europeias mostravam-se cautelosas, quando não hostis. Para a Espanha de Franco a Exposição de Bruxelas foi a primeira real oportunidade de participar numa importante actividade internacional em termos totalmente iguais aos dos outros países.

As autoridades espanholas rapidamente compreenderam a importância política da ocasião. Em 27 de Dezembro de 1954, uns dias antes de receberem o convite oficial, o Conde de Casa Miranda, o embaixador espanhol em Bruxelas, enviou um longo memorando ao Ministro dos Negócios Estrangeiros Martín Artajo, no qual explicitava as razões para a aceitação. «Em exposições como a que está a ser organizada em Bruxelas as *razões de prestígio nacional são tão importantes quanto os motivos materiais e práticos*, quando se decide a participação dos vários estados. A participação da Espanha será sem dúvida muito dispendiosa e acarretará muito trabalho e complicações, razões pelas quais não é aconselhá-

vel, a não ser que seja assumida com o espírito de a fazer tão brilhante que se destaque do conjunto da feira. Tal brilhantismo só se alcançará com grandes sacrifícios económicos e com a infracção de algumas das nossas habituais normas, tais como as que proíbem o envio de tesouros artísticos do património nacional para fora do país. Desde a inauguração do Regime não houve ainda nenhuma ocasião como esta em Bruxelas para mostrar ao mundo os esforços que a Espanha dispensou nos últimos vinte anos para atingir o progresso material e social. A Exposição de 1958 podia ser o palco sobre o qual se apresentava aos olhos do mundo este esforço da Espanha, «um esforço contra o qual as forças que nos são hostis tanto têm lutado para que não seja visto»²⁰.

À medida que a Exposição se aproximava as autoridades espanholas encontraram outra razão para a participação: a integração europeia. O Tratado de Roma foi assinado no fim de Março de 1957 e apenas um mês depois um memorando do Ministério dos Negócios Estrangeiros dizia que «hoje existe um aspecto político que não existia antes. A Bélgica lidera o movimento de integração europeia e a organização desta Exposição faz certamente parte dessa linha de conduta». No mês seguinte o Comité encarregado de organizar o pavilhão espanhol escreveu ao Ministro dos Negócios Estrangeiros explicando que «é óbvio que a presença espanhola neste momento em que a Europa está a ser construída... reafirmará a nossa presença no continente e a impossibilidade de deixar de lado o nosso país quando se trata de resolver os problemas políticos e económicos da Europa»²¹.

A imagem da Espanha na América Latina era outro dos argumentos, ainda que secundário, avançados a favor da presença em Bruxelas. O comité planificador sublinhava que o pavilhão seria visitado por muitos estrangeiros e que demonstraria, «não apenas aos povos do Continente, mas muito especialmente aos hispano-americanos, a importante posição que a Espanha detém no mundo ocidental»²².

A decisão de participação foi tomada em Julho de 1955, mas uma vez decidida a ida a Bruxelas ficava ainda por resolver a questão da imagem a oferecer. Esta questão mostrou-se mais complicada do que seria de prever. As preparações começaram com a procura de um tema próprio, «uma ideia central, clara, simples e perfeitamente inteligível à mentalidade estrangeira»²³.

O comité recebeu cinco propostas mas no final decidiu que nenhuma era satisfatória e que o pavilhão não se subordinaria a um tema geral. Embora tenham sido todas rejeitadas, estas propostas de representações da Espanha oferecem um ponto de vista interessante sobre o que vários elementos no regime de Franco consideravam representações desejáveis do seu país na segunda metade dos anos 50. Esta ausência de consenso não é surpreendente num

regime que atravessava uma maré de mudanças políticas e no qual a influência política estava nesse momento a transitar de uma «família» para outra.

A proposta mais abertamente ideológica, intitulada «Terra de Don Quijote e Sancho», incluía pontos como a «refutação da Lenda Negra... a incompatibilidade do espírito espanhol com certas doutrinas... O Alcázar de Toledo... O Espírito que tem dominado a vida da Espanha... Mas o espírito não levou a Espanha à ruína, antes pelo contrário... a mensagem da Espanha: o espírito seguido pela tecnologia pode conduzir a humanidade na estrada do bem-estar»²⁴. Por outro lado, a proposta submetida pelos Ministérios do Comércio, Educação Nacional e Informação e Turismo, «Terra do Sol e da Luz», foi considerada pelo comité como sendo «essencialmente turística», muito embora sublinhasse a necessidade de «realçar com toda a energia o significado espiritual da Espanha ao longo da sua história»²⁵.

Uma terceira proposta, «Encruzilhada de Culturas», submetida por um alto funcionário do Ministério do Interior, virava-se mais para realizações recentes, «a oportunidade de mostrar as realizações do regime bem como encorajar o turismo e a expansão comercial», ao mesmo tempo que procurava mostrar «os recursos ancestrais... primeiro o touro, cuja força é uma característica do espanhol, que nos nossos tempos se mantém no risco e graciosidade da tourada. Depois o folclore regional, com as suas várias cambiantes e com as suas raízes culturais e artísticas perdidas na bruma dos tempos»²⁶. O quarto projecto, «Quatro Elementos», procurava deliberadamente evitar a controvérsia e adoptava uma abordagem mais diplomática, consciente «da facilidade com que o nosso pavilhão poderia adquirir um carácter polémico». Por exemplo, «os dois momentos fundadores da nossa história: a luta contra o Islão e a Contra-Reforma» teriam que ser tratados com tacto de forma a evitar confrontações com outros participantes, «neste caso Muçulmanos e Protestantes». A Espanha devia dirigir-se aos estrangeiros que visitassem o pavilhão «numa língua apropriada às suas idiossincrasias... que é o que São Paulo fez quando foi a Atenas... e falou dos aspectos da Revelação para os quais os Atenienses estavam mais preparados»²⁷.

Finalmente, a proposta submetida pelos arquitectos que desenharam o pavilhão, «A Fé e a Esperança da Espanha», procurava combinar a tradição espiritual com as realizações recentes. O tema da Exposição, «Por um mundo mais humano» era «ideal» para a Espanha, que tem sido sempre «um país com uma tradição idealista; tem estado sempre e continua a estar atrás do nível europeu em bens materiais... O valor humano, o valor cristão dos espanhóis é o que deve ser realçado». O pavilhão tinha que mostrar a «sólida espiritualidade espanhola, a serenidade espiritual que tão bem reflecte o céu e a terra de Castela», mas isso não era tudo: «Por outro lado, a sua grande esperança no bem-

-estar que a tecnologia moderna pode dispensar aos seus filhos. Se foi possível à primeira fase da revolução industrial moderna rodear a Espanha sem a penetrar, esta segunda, e muito mais humana fase, que a tecnologia moderna está agora a iniciar, tem que necessariamente chegar à Espanha»²⁸.

No fim, o comité decidiu que o pavilhão se deveria ocupar das realizações materiais do regime. As razões para esta decisão ficaram estabelecidas num longo relatório que o comité enviou ao Ministro dos Negócios Estrangeiros Martín Artajo em Junho de 1957 e que vale a pena aqui citar: «Esta Exposição... oferece-nos uma excelente oportunidade de aumentar o nosso prestígio internacional... O pavilhão, no qual mostraremos... o progresso feito durante os últimos vinte anos nas esferas artística e económica, tornará claros os esforços desenvolvidos pelo nosso Regime e contribuirá eficazmente para contra-atacar as campanhas adversas que desorientaram a opinião internacional...

«O facto desta Exposição ter lugar na Bélgica é ainda de maior interesse para a Espanha, pois foi nos Países Baixos que a Lenda Negra foi criada... O pavilhão espanhol terá sem dúvida uma influência positiva na opinião pública. E formará necessariamente a atitude das pessoas no governo, incluindo os que por ressentimento pessoal ou preconceito ideológico têm opiniões negativas [sobre nós]...

«Em suma, não podem restar dúvidas de que a Exposição Universal de Bruxelas nos oferece a possibilidade de dar outro passo na política de pôr diante dos olhos do mundo a verdadeira face da Espanha de hoje, da Espanha nascida no 18 de Julho, da Espanha engrandecida sob a direcção do Chefe de Estado. O pavilhão espanhol será uma prova definitiva da capacidade criativa e da eficiência já demonstrada do estado espanhol»²⁹.

No entanto, quando chegou a altura de preparar a página espanhola para o guia dos visitantes à feira – nessa altura os países ainda não preparavam os seus próprios guias – a ênfase seria posta na tradição e não nas realizações do regime franquista: «O pavilhão espanhol oferece um momento repousante no acelerado ritmo da Exposição. Sem apressar, sem atulhar de gráficos, numa atmosfera luminosa e neutral, a Espanha oferece ao visitante uma síntese equilibrada das suas tradições, do seu trabalho e da sua cultura.

«A Espanha é um país de contrastes, de paradoxos, de súbitas mudanças. Em Espanha pode-se ver uma cana de açúcar tropical a poucos quilómetros de neves eternas... Um velho país, de planícies sedentas e áridas montanhas, de férteis jardins, de verdes vales. Esta diversidade geográfica reflecte-se na riqueza do folclore, dos costumes, da gastronomia, das artes populares.

«O povo espanhol juntou-se sob a floresta metálica da sua arquitectura leve e ousada, esse denominador comum que concede a sua graça inconfundível, as

suas cores, à coisa espanhola. Quando o visitante entra, à esquerda, está a secção que fala da projecção espanhola no mundo, dos seus místicos, da colonização da América, dos seus mitos literários. À direita está a secção dedicada à nossa diversidade geográfica, ao encontro de culturas em solo espanhol. Depois a secção dedicada ao trabalho: a industrialização, os grandes planos hidráulicos, numa palavra, a forma como os espanhóis modificaram um ambiente natural muito adverso. E, finalmente, a *fiesta*, a forma como os espanhóis se divertem: as touradas, as procissões, as danças ao ar livre, etc. É uma pequena mostra de arte contemporânea espanhola.

«E, finalmente, um pequeno auditório onde mostraremos filmes e espectáculos típicos das canções e danças populares.

«O pavilhão espanhol não o desapontará»³⁰.

A jóia da arte exposta no pavilhão era *Santiago* de Salvador Dali, que fora trazido, com grandes custos, de Nova Iorque. Mas mesmo a arte era uma questão difícil e o problema podia ser resumido numa só palavra: Picasso. Uma das propostas temáticas havia começado por lembrar o impacto que a *Guernica* produzira na Feira de Paris de 1937: «a última vez que a Espanha participou numa exposição do género foi em Paris em 1937, que girou quase exclusivamente em torno da ‘Guernica’, um dos mais eficazes agentes de propaganda de que os vermelhos espanhóis gozavam»³¹. Em Novembro de 1956, o delegado espanhol ao Comité Internacional de Especialistas de Belas Artes relatava que a proposta belga, intitulada «De Lascaux a Picasso» era «algo difícil para a Espanha, dada a situação de Picasso, que nem sequer tem nacionalidade espanhola», embora também reconhecesse que Picasso havia sido escolhido como a encarnação da arte contemporânea e não por um desejo de crítica à Espanha³².

O pavilhão foi feito para não-espanhóis, que constituiriam a grande maioria das pessoas que o visitariam, mas a feira surgiu igualmente como uma tremenda oportunidade de propaganda dirigida aos espanhóis, que em muitos escassos números acorreriam à Exposição. Havia dois veículos de projecção da imagem da Espanha para o interior do país: a imprensa e as actualidades filmadas (NoDo).

Houve apenas seis actualidades NoDo dedicadas à Exposição de Bruxelas e destas apenas duas mostraram o pavilhão da Espanha. Uma cobria a visita do Rei dos Belgas Balduino e mostrava danças folclóricas. A outra, mais longa, cobria o Dia de Espanha na feira. Começava com uma imagem da bandeira esvoaçando no mastro central da Exposição e depois dirigia-se para o pavilhão do Vaticano, onde foi celebrada uma missa especial para uma audiência que incluía o Cardeal Pla y Deniel e dois ministros, e depois para uma demonstração dos Xiquets (sem qualquer menção à Catalunha). O resto da actualidade mostrava o pavilhão e as suas várias exposições, privilegiando o moderno e material em detri-

mento do tradicional e cultural. O guião desta secção dizia: «Não falam ao telefone mas ouvem discos da música espanhola, mas individualmente [usando auscultadores]...

«Todas as nossas actividades nacionais são aqui mostradas, sem esquecer a beleza do nosso artesanato.

«O fabricante de automóveis espanhol, Pegaso, mostra o alto nível a que chegou.

«Uma gloriosa recordação do inventor do helicóptero, Juan de la Cierva. É uma máquina que revolucionou o mundo do transporte aéreo no que se refere à segurança e à utilidade.

«Após anos de constante uso o helicóptero provou as previsões científicas do engenheiro espanhol.

«O nosso domínio nos transportes navais é mostrado por estes modelos dos nossos navios.

«Um exemplo do novo impulso industrial nos aços Avilés.

«O Talgo não podia faltar numa mostra dedicada aos caminhos de ferro»³³.

Do lado da tradição, «o aspecto pitoresco e colorido», havia mostras de «ourivesaria e argenteria religiosa e os elementos que conferem às nossas procissões o seu esplendor» e uma longa secção dedicada à tourada, «que é de tanto interesse para os turistas», e das actuações dos Coros y Danzas, «com o encanto do nosso folclore». As actualidades terminavam com uma afirmação que pretendia equilibrar os dois pólos: «o visitante do pavilhão espanhol é atraído pela alegria da nossa música, pelas nossas danças e pelas nossas canções e fica interessado na contribuição expressiva e construtiva da nossa pátria para a Exposição»³⁴.

Os espanhóis que leram sobre a feira em *Arriba* ficaram com uma imagem semelhante da presença espanhola em Bruxelas. Esta cobertura foi mudando à medida que a Exposição de desenrolava: começara por sublinhar o tradicional e o folclórico mas passou a dedicar cada vez mais atenção aos aspectos mais desenvolvimentistas. Os assuntos mais mencionados eram os Coros y Danzas da Sección Femenina, os mais representativos do lado folclórico do país, e o edifício do pavilhão em si.

A cobertura começava com uma fotografia de primeira página das assistentes do pavilhão, jovens mulheres escolhidas pela Sección Femenina³⁵. Os Coros y Danzas fizeram a sua primeira aparição no artigo seguinte, que também mencionava o sucesso dos uniformes das assistentes, «uma sensação absoluta entre as mulheres»³⁶. Os Coros y Danzas continuaram a aparecer: a exibirem-se perante a família real da Holanda; numa fotografia com o Ministro do Movimiento Solís e num artigo sobre as maravilhas do pavilhão. Em 2 de Agosto *Arriba* noticiava que haviam ganho uma medalha de ouro da Exposição pela sua mostra

d'«o nosso folclore nacional mais autêntico e valioso» que quebrara «o gelo da indiferença e do ódio» para deixar o mundo ver «a profunda e transcendente verdade da causa espanhola»³⁷. A última menção veio em 17 de Agosto, num artigo sobre os louvores da imprensa belga às alterações no pavilhão.

O ponto alto do destaque nacionalista na cobertura da imprensa ocorreu no dia da Espanha na feira, 25 de Julho. Os acontecimentos começaram com uma missa especial celebrada na igreja do pavilhão do Vaticano, seguindo-se uma recepção no mesmo pavilhão. O artigo prosseguia com uma descrição do pavilhão espanhol, «um verdadeiro reflexo da nossa pátria», incluindo a indústria, a colonização agrária e «toda a exaltação dos valores espirituais». Os sindicatos oficiais contribuíaam ao levar a Bruxelas um trabalhador de cada província para «representar um povo inteiro... um por cada nome familiar na nossa geografia». E um editorial intitulado «Espanha na Expo» fazia uma referência especial ao folclórico, reduzindo a diversidade ao nível do folclore: «A Espanha está em Bruxelas ante o olhar curioso e crítico do mundo. Sem violência propagandística encontra-se no seio da família universal de expositores... O dia da Espanha serviu para dizer ao mundo que um país europeu, consciente da função histórica que a sua especial posição geopolítica lhe reserva, é forte, cheio de esperança e feliz. A Espanha levou à Expo 58 a voz do seu povo, multiplicada na variedade das suas canções, dos seus passos de dança e dos seus trajés»³⁸.

Arriba protestava igualmente contra a «falta de interesse» no pavilhão demonstrada pelo resto da imprensa, mas nada dizia acerca das críticas que haviam aparecido noutros jornais. *Ya* chamava ao pavilhão «um desastre como propaganda... não tem nada a ver com a Espanha de hoje, mas é o trabalho torturado de alguns espanhóis», enquanto *Destino* publicava um artigo muito crítico escrito por um veterano da Divisão Azul: «um verdadeiro desastre... Temos quase vergonha de sermos espanhóis. Magoa-nos e entristece-nos ver a nossa Pátria tão pobre e com uma presença tão miserável na Exposição... o motivo de riso de toda a exposição»³⁹.

Não se tratavam de queixas isoladas. Em Julho o comité encarregado do pavilhão decidiu proceder a grandes alterações, incluindo a nomeação de um novo comissário, Miguel García de Saez, que deteria depois essa mesma posição em Nova Iorque. As mostras foram também substancialmente modificadas, mas numa decisão que reflectia a desconfiança habitual do governo no mundo exterior, as mudanças foram feitas de noite, «de modo a que o público, e acima de tudo a imprensa de várias tendências políticas, não veja a ideia de uma reabertura ou de um novo período, que poderia ser, em termos tácitos, uma condenação do período anterior»⁴⁰.

Estas modificações marcam também o ponto de viragem na cobertura do

pavilhão, que daí para a frente deu muito mais atenção ao lado mais moderno do país. Assim, a última referência aos Coros y Danzas foi ofuscada por uma descrição das novas mostras, que se centravam nas realizações técnicas e materiais: «um comboio ultramoderno... modelos de aviões, navios e submarinos» e a indústria pesada. Mais tarde, a cobertura viria a voltar-se para as grandes vendas de produtos espanhóis, e especialmente fruta, e para o que isto prometia quanto ao futuro: «a satisfação dos visitantes dá-nos uma valiosa lição acerca dos nossos produtos e exportações»⁴¹.

A cobertura enveredou igualmente por um tom mais político, em que podemos ver – retrospectivamente – as mudanças que estavam a ter lugar no regime nesse final dos anos 50. Num longo artigo intitulado «A Espanha em Bruxelas, Missão Cumprida», Juan Carlos Villacorta elogiava o pavilhão por ter «provocado curiosidade e interesse pela nossa realidade espanhola» e escrevia como a tradição, por si só, não chegava: «A nossa política não pode encontrar na tradição a sua única fonte, mas deve enriquecer-se com novas correntes, com a incorporação de novos grupos, factores, ideias, e pontos de vista... Esta atitude de portas abertas e mãos estendidas é o sintoma mais claro da vitalidade do nosso regime. Não importa que o choque inicial provoque súbita incompreensão ou reacções hostis». Mas a tradição não podia ser submersa por uma onda de progresso material visto os espanhóis serem «um povo com valores espirituais... não somos uma ilha, estamos ligados a uma tradição e a uma esperança, com um passado e um futuro»⁴².

Nesta segunda fase o edifício do pavilhão ganhou um novo significado. Houvera já comentários ao seu estilo «muito original», mas agora era um símbolo da mudança de rumo do regime. Uma foto-história intitulada «Uma das realizações mais originais da Expo 58» elogiava a originalidade do edifício. O uso de múltiplas colunas interiores tornava-o n'«uma versão abstracta da Mesquita de Córdoba» e isto era melhor do que uma réplica exacta, como certas pessoas teriam preferido: «Pela primeira vez a Espanha não mostrou apenas a *pandereta* e embora muitos o lamentem, outros rejubilam porque isto demonstra que hoje em dia há muito mais na Espanha para além do inesgotável «*maná* da tradição»⁴³.

3. *Nova Iorque 1964-65.*

De todas as grandes feiras do período posterior à Segunda Guerra Mundial, a Feira de Nova Iorque distinguiu-se por não ter sido sancionado pelo International Bureau of Expositions (BIE), o organismo internacional que regula as exposições desde a sua criação em 1928. A recusa do BIE em aprovar a feira de

Nova Iorque deveu-se à arrogância e desejo de ganhar lucros enormes do seu presidente, Robert Moses, secretário-geral da Triborough Bridge and Transit Authority e uma das figuras mais poderosas de Nova Iorque. Moses pretendia usar a feira como ocasião para desenvolver Flushing Meadows, a zona onde se realizara a Feira Mundial de 1939. Moses conseguiu igualmente antagonizar a imprensa e o Congresso americano, quase perdendo o financiamento federal, e o desastre financeiro da feira acabaria por lhe ser atribuído⁴⁴.

A Espanha recebeu o convite para participar em Dezembro de 1960 e as autoridades espanholas imediatamente viram a importância prática da aceitação. A participação espanhola poderia «conduzir a um culminar das relações hispano-americanas» bem como ajudar a despertar entre os investidores e turistas americanos mais interesse pela Espanha⁴⁵. Esta combinação de considerações políticas e económicas foi o motivo da presença espanhola em Nova Iorque e reflectia as mudanças que haviam ocorrido tanto no país como na sua posição na cena internacional, cinco anos após ter tomado a decisão de participar na Expo de Bruxelas. Internacionalmente a Espanha libertara-se do seu estatuto de proscrito e fora aceite como um estado igual aos outros. Por essa razão as considerações políticas que sempre haviam estado tão presentes em Bruxelas tornaram-se menos urgentes. No plano interno o regime estava na mão dos tecnocratas e fizera a sua aposta num futuro de desenvolvimento económico e de turismo. As considerações políticas não estavam totalmente ausentes, mas as económicas pesavam mais no espírito dos decisores espanhóis⁴⁶.

A reacção inicial, no entanto, fora pela não-participação. O Governo tomou esta decisão por duas razões: poucas nações europeias iriam participar devido à falta de aprovação do BIE e o custo, estimado inicialmente em 2 milhões de dólares, era «excessivo para as nossas finanças, especialmente se levarmos em conta que este tipo de encontro internacional não produz um efeito económico imediato, como as feiras declaradamente comerciais»⁴⁷.

O governo inverteu esta decisão em Dezembro de 1962 depois de um *lobbying* do Ministro dos Negócios Estrangeiros Castiella e do Ministro da Informação Manuel Fraga bem como da embaixada em Washington. Nestes argumentos, as considerações políticas ainda pesavam muito. De Washington, Angel Saiz-Bry sublinhava considerações políticas e económicas: «lograriamos rectificar muitas ideias falsas acerca da Espanha, conseguiríamos um aumento substancial de turistas americanos e atraíriamos um maior investimento para as nossas indústrias». Antonio Garrigues explicava que o custo do pavilhão poderia ser contrabalançado pelas receitas nos restaurantes e pelas entradas nas colecções de arte, e depois enumerava as razões políticas para a participação. Estas deixavam de ser as habituais questões de prestígio e de ultrapassagem dos pre-

conceitos contra o regime e passavam a ser mais específicas e mais viradas para o futuro: «Todos os países hispano-americanos irão participar. A nossa presença coincidirá com as negociações para a renovação dos acordos com os Estados Unidos, e neste momento a nossa presença em todos os aspectos da vida americana é fundamental. É também um facto que os países do Mercado Comum, a que queremos aderir, virão também»⁴⁸. Quando Castiella escreveu ao Ministro do Comércio Ullastres este voltou aos argumentos de meados dos anos 50 sobre a melhoria do conhecimento geral sobre a Espanha, «de que tanto precisamos»⁴⁹.

Um ano depois, quando o planeamento do pavilhão já ia bastante avançado, um memorando interno do Ministério dos Negócios Estrangeiros resumia a abordagem espanhola da feira. No domínio político a Espanha apareceria favoravelmente «nas revistas, jornais, rádio e televisão dos Estados Unidos». Mas a lógica económica era ainda mais óbvia: «renovar o esforço económico, industrial e artístico que a Espanha vem fazendo; criar uma apetência por produtos espanhóis; estimular a presença das coisas espanholas no mundo; ajudar a criar uma nova mentalidade exportadora para os produtos espanhóis; aliviar os empecilhos que constituem o que não presta e o falso; eliminar do comércio espanhol tudo o que prejudica uma abordagem nova e competitiva»⁵⁰. A ênfase comercial cresceu à medida que a feira se aproximava. Numa declaração anunciando a participação da Espanha, o Comissário-Geral García de Saez declarava que «na sua arquitectura e no seu conteúdo o Pavilhão Espanhol será a afirmação do nosso progresso económico e industrial, cujas realizações serão mostradas numa atmosfera muito atractiva... com insuspeito brilhantismo, a nova riqueza dos produtos das fábricas e oficinas, apoiada pela prestigiosa etiqueta «Made in Spain», quer abrir mercados no mundo»⁵¹.

Uma vez iniciada a feira, a auto-apresentação espanhola procurou equilibrar o progresso material com a tradição. Era esta a mensagem do discurso proferido por Castiella na abertura do pavilhão: «O nosso pavilhão procura ser, ao mesmo tempo que um testemunho dos valores permanentes da cultura espanhola, uma mostra do desenvolvimento material da Espanha de hoje, do seu desejo de progresso económico e social.

«Aqui está, portanto, a Espanha. A velha Espanha de El Greco, de Isabel a Católica, a mais americana dos monarcas da Europa, a Espanha dos castelos, dos códices, das tapeçarias. Mas há também a nova Espanha de hoje com a sua... pintura moderna e a sua arte vanguardista, com as suas máquinas e camiões, com os seus livros acabados de sair das tipografias e com a sua indústria ligeira»⁵².

Como que a materializar estas palavras, em frente do pavilhão, um desenho moderno de Javier Carvajal, «a mais importante e interessante figura da actual arquitectura espanhola», erguia-se uma estátua de quase dois metros da rainha

Isabel, «primeira rainha de uma Espanha unida e patrona de Colombo»⁵³. O conjunto de selos comemorativos impressos para a feira inclinavam-se mais fortemente para o passado. O selo de uma peseta mostrava o pavilhão, mas os outros quatro ostentavam temas mais tradicionais: tourada, dança, a *pelota* basca e o castelo de la Mota, onde Isabel morreu⁵⁴.

Este tema do equilíbrio entre tradição e modernidade dominava em absoluto o guia do pavilhão para a temporada de 1965 da feira. No entanto, a continuada afirmação deste equilíbrio soa, a esta distância, como um *mantra* dirigido à pacificação das consciências das elites políticas do regime, que já suspeitavam que a manutenção desse equilíbrio era impossível, que o desenvolvimento económico era uma imensa onda que para sempre levaria para o mar os «valores permanentes da cultura espanhola» invocados pelo Ministro.

O Comissário García de Saez tocou nesse ponto na sua mensagem de boas vindas, na qual descrevia a Espanha como «um país de tradição antiga, hoje em processo de renovação». Na sua declaração, o Ministro da Informação Fraga explicava que «a Espanha... tem tentado mostrar o que é mais representativo, combinando o seu carácter de país de fortes e enraizadas tradições com a promessa dos tempos presentes», enquanto Castiella repetia a sua comparação entre «a velha Espanha... e a Espanha de hoje». O pavilhão encarnava as duas: «As mais precisas ideias presentes misturam-se com as mais verdadeiras tradições da Espanha. Todo o tecto é coberto por uma moderna versão de revestimento em madeira trabalhada»⁵⁵.

As preocupações com o desenvolvimento económico e as dúvidas acerca das virtudes do capitalismo eram evidentes quando se tratava de descrever a «Espanha em 1965». Foi aqui que a religião, um assunto até aí silenciado⁵⁶, se tornou numa presença significativa. «Não acreditamos que as nossas qualidades espirituais venham a ser destruídas pelo progresso, nem que as conquistas deste serão anuladas pela tradição». Uma parte da «aceitação do tom geral da vida moderna» representada pelo turismo era a «construção de estradas que conduzam» aos grandes mosteiros. A Espanha era um país «não apenas de deslumbrantes praias mas de estável progresso, mutável e permanente... uma Espanha que reza como sempre o fez». O *Guia* concluía que «nem por um momento acreditamos que por causa desta [industrialização] a Espanha venha a sofrer a materialização ou a perda da sua personalidade nos anos vindouros... Pelo contrário, acreditamos que o contacto com o mundo refinará e reafirmará a verdadeira Espanha»⁵⁷.

Havia igualmente uma secção intitulada «Espanha, um país em crescimento», que elogiava as realizações materiais do regime de Franco ao mesmo tempo que alegremente eliminava a maior parte do século anterior. «Completámos

uma dura tarefa com muito pouca ajuda nestes últimos anos. O que não fora conseguido em cem anos foi-o em vinte. O desejo de progresso torna-se cada vez mais claro no nosso projecto diário»⁵⁸. A isto seguia-se uma descrição do Plano de Estabilização e da actual política económica que privilegiava incentivos ao investimento estrangeiro.

A única referência à diversidade regional era dada pelas actuações diárias dos grupos de danças populares e, em 1965, com a soma de um bar de Barcelona à muito bem sucedida taberna de Madrid. O novo bar oferecia especialidades catalãs «servidas por criados envergando a típica *barrechina*»⁵⁹.

O pavilhão espanhol foi um grande sucesso. Foi um dos pavilhões mais visitados e foi largamente aclamado como «um dos pontos altos da feira»⁶⁰. As autoridades espanholas afirmavam que «de Abril a Outubro de 1964 mais foi escrito sobre a Espanha e publicado nos Estados Unidos do que nos dez anos anteriores. E tudo o que tem sido escrito, emitido e televisionado tem sido favorável»⁶¹. Favorável, talvez, mas seria a mensagem transmitida ao público americano a mensagem desejada? O pavilhão teria mesmo conseguido mudar a imagem da Espanha, como o *Guia* proclamava? «Durante um tempo considerável a Espanha era considerada uma terra alegre e pitoresca, muito mal preparada para se lançar em sérios empreendimentos... Esta opinião morreu na nossa abertura aos olhos do mundo na Feira Mundial de Nova Iorque»⁶².

Muita da popularidade do pavilhão baseava-se na sua verdadeiramente deslumbrante mostra de arte. Esta incluía mestres como Miró e Picasso, bem como obras primas de Ribera, Goya, Greco e Velásquez. Na verdade, parecia que o regime esvaziara o Prado para impressionar os americanos. As preocupações legais com o envio de tesouros artísticos para o estrangeiro há muito que haviam sido esquecidas.

Sem grande margem para dúvidas, a mais importante reacção ao pavilhão nos meios de comunicação dos Estados Unidos foi uma grande reportagem fotográfica no número de 7 de Agosto de 1964 da *Life* intitulada «A Jóia da Feira». Nas fotografias, e especialmente no texto, a revista apresentava a pura «Espanha de pandereta», quase como se tivesse visitado um pavilhão inteiramente diferente. «A Espanha apostou sete milhões de dólares em ser ela própria. O seu pavilhão faz jus à noção romântica que todos têm sobre a Espanha. Fora do silêncio quase religioso dos recantos do museu, o pavilhão torna-se barulhento e vivo com os lamentos do flamenco, o bater das mãos, o dedilhar das guitarras e as sibilantes tonalidades dos vários sotaques espanhóis»⁶³.

E o público espanhol? Que mensagem recebeu? Em Janeiro de 1964 García de Saez disse a *Arriba* que o objectivo da Espanha era «demonstrar que o nosso

país não é apenas a terra da siesta, do sherry e da *pandereta*»⁶⁴, mas nas actualidades NoDo o estereótipo recebia muito mais cobertura que a sua negação.

As duas primeiras actualidades filmadas eram sobre o concurso para o desenho do pavilhão⁶⁵. Uma vez começada a feira, havia numerosas referências à grande popularidade do pavilhão: «um dos que mereceu o maior elogio de personalidades importantes e do público»; «um dos que atrai um maior número de visitantes»; «continua a ser muito visitado»; «os bilhetes são muito procurados; há sempre bichas e em certas altura há verdadeiras massas humanas»⁶⁶. Quando as actualidades se ocuparam do conteúdo do pavilhão, no entanto, o folclore e o passado ofuscaram as realizações do presente. A reportagem mais longa sobre o presente era um segmento de 21 metros sobre a moda espanhola. Depois disto, a única coisa dita acerca da «Espanha de hoje» era uma referência a umas pinturas de Picasso⁶⁷.

Isto seria facilmente ultrapassado pela cobertura dada ao folclore. Havia um segmento de 48 metros sobre os Coros y Danzas a fazer *sardanas*, a dança folclórica da Catalunha, que incluía igualmente um vislumbre da estátua a Junípero Serra, «numa oportuna lembrança do seu trabalho de evangelização da Califórnia»⁶⁸. Um segmento de 78 metros intitulado «Uma visita detalhada ao Pavilhão Espanhol» incluía imagens das estátuas a Isabel a Católica e a Serra (outra vez), artesãos a trabalhar no pavilhão e a Guarda Civil, «cujos uniformes atraem as atenções»⁶⁹. Depois de uma imagem do Gabinete de Turismo – «que não tem um momento de descanso durante todo o dia» – a reportagem mostrava «os fatos de luz dos nossos toureiros... luxuosos restaurantes e tabernas típicas» e pinturas de Goya e Ribera antes de concluir com «uma dança andaluza como representante do nosso folclore mais alegre»⁷⁰.

O peso relativo da Nova Espanha e da Espanha «permanente» é ainda mais notório, ou pelo menos mais facilmente mesurável, num documentário sobre a Feira preparado pela Televisão Espanhola, RTVE. A visita propriamente dita ao pavilhão ocupava 111 metros de filme, dos quais dois segmentos, num total de 42 metros, mostravam assuntos modernos, enquanto sete segmentos, num total de 69 metros, mostravam assuntos tradicionais⁷¹.

A cobertura em *Arriba* era algo diferente. Começara com a clara intenção de desafiar a imagem tradicional da Espanha mas rapidamente caiu na apresentação dessa imagem até ao fim de Julho, quando recomeçou a dar mais importância às realizações contemporâneas.

O primeiro artigo de fundo era um panegírico às realizações materiais do regime de Franco, que celebrava os seus «25 anos de Paz». O pavilhão era «uma maravilhosa montra para mostrar ao mundo o que a Espanha tem sido capaz de criar nos últimos 25 anos, a extraordinária diversidade dos seus produtos, a

beleza dos seus campos, hoje envolvidos numa fabulosa indústria turística... o povo espanhol pode considerar-se satisfeito por ter sido através do seu esforço, da paz e da harmonia em que viveu no último quarto de século, que se encheu esta maravilhosa cornucópia da prosperidade espanhola exibida em Nova Iorque»⁷².

A palavra *escaparate*, mostra, com as suas conotações claramente comerciais, tornou-se uma metáfora central na descrição da presença da Espanha na Feira⁷³.

Esta abordagem era ainda mais evidente num editorial intitulado «A Espanha em Nova Iorque» que apareceu no final de Abril. O pavilhão já «mostrara sinais de destruir muitas ideias preconcebidas sobre a Espanha». Levara ao coração de Nova Iorque «não a pitoresca ideia feita de um país atacado de um excesso de folclore mas de um país sério empenhado na recuperação dos anos perdidos em discussões e lutas estéreis». A Espanha exibia «o fruto maduro destes vinte e cinco anos de paz nos quais... a sociedade se mobilizou na busca de níveis superiores de bem estar»⁷⁴. Esta ênfase no desenvolvimento económico foi amplificada pela abertura de um Gabinete Comercial Permanente no edifício da Pan Am, outro *escaparate* para a mostra de produtos espanhóis.

Mas quando se tratava de fazer uma reportagem, o folclore nunca era esquecido. Mais uma vez os Coros y Danzas detinham a mais importante presença⁷⁵, e quando o *New York Times*, normalmente muito crítico da Espanha, finalmente encontrou alguma coisa para elogiar, encontrou os Coros y Danzas, que faziam do pavilhão espanhol «um dos principais centros de danças étnicas e folclóricas da Feira»⁷⁶. Uma fotografia na capa em 28 de Maio assinalava que a contribuição da Espanha para a celebração do primeiro mês da feira era «encher o ar com as nossas danças regionais» e a «Semana da Espanha» concluía com uma *verbena*, «uma procissão encabeçada por uma imagem do santo protector dos solteiros» que desfilou pela feira e, uma vez regressada ao pavilhão, realizaram-se «as tradicionais celebrações com danças, guitarras, *churros* e *horchata*». As celebrações continuaram até à hora de encerramento com «o cheiro de óleo frito e o som do autêntico realejo que enchia o ar com *chotis* e *pasodobles*»⁷⁷.

No fim de Julho *Arriba* anunciava que o pavilhão estava à beira de assumir uma nova orientação. O «enorme sucesso artístico e cultural desta mostra em Nova Iorque será dedicado no futuro à promoção e desenvolvimento do comércio espanhol. Há também um projecto de oferecer o pavilhão aos exportadores espanhóis para as suas exposições»⁷⁸. A cobertura do jornal mudou certamente de tom, ao mesmo tempo que diminuía significativamente em quantidade. Não houve mais referências ao folclore e os negócios tornaram-se mais importantes. Apareceu um longo artigo dedicado ao Centro Comercial que sublinhava a importância dos EUA como mercado para as exportações espanholas e outro sobre o sucesso da moda espanhola: Lord and Taylor «dedicaram todas as suas

montras na 5.^a Avenida às criações de Pertegaz» e a loja exibia bandeiras espanholas sobre a sua entrada principal⁷⁹.

A questão das relações da Espanha com o mundo hispano-americano foram alvo de muito mais atenção em 1964 do que em 1958. (O facto da Feira se realizar na América e numa cidade com uma grande população hispânica explicará esta diferença.) No fim de Junho o pavilhão espanhol acolhia uma Sessão Extraordinária das Nações Unidas, um acontecimento da «maior importância política», especialmente quando «uma grande agência noticiosa internacional sublinhou nos seus relatos enviados para os quatro continentes o facto de representantes de todas as repúblicas hispano-americanas se terem encontrado sob tecto espanhol, em território espanhol»⁸⁰. Alguns dias mais tarde, um artigo sobre o sucesso do bar de marisco do pavilhão – que serviu mais de 75 mil *paellas* – sublinhava a sua popularidade entre os hispânicos de Nova Iorque, aos quais alegadamente ofereceria «uma memória da sua infância, uma visão quase esquecida da Espanha devido aos muitos anos e muitos quilómetros que os separavam, aquelas descrições emocionadas e nostálgicas da sua terra de origem que ouviram da boca dos pais e avós»⁸¹.

O tema hispano-americano atingiu o seu ponto alto em Setembro e em Outubro quando o Congresso americano debateu – e mais tarde aprovou – uma proposta de lei para declarar o 12 de Outubro um feriado nacional sob o nome de Dia de Colombo, e o Mayor Robert Wagner declarou a semana de 11 a 17 de Outubro a Semana da Espanha na cidade de Nova Iorque. À medida que prosseguia o debate no congresso, o Embaixador Merry del Val enviou uma carta a alguns representantes, aos embaixadores latino-americanos nos Estados Unidos e à Organização de Estados Americanos na qual pedia que o novo feriado proposto também honrasse especialmente a Espanha. Em 6 de Outubro, o Mayor Wagner proclamou a «Semana da Espanha» na cidade de Nova Iorque e isto recebeu, naturalmente, uma atenção considerável. A sua proclamação mencionava o grande número de população hispânica na cidade; o papel desempenhado pela Espanha na Guerra da Independência americana e a chegada das três caravelas de Colombo ao «Novo Mundo». Mencionava igualmente um aspecto comercial: «a proclamação da Semana da Espanha foi pedida de forma a celebrar o aumento do turismo, comércio e negócios entre a nossa cidade e Espanha, para que os laços da paz e da amizade entre a Espanha e os Estados Unidos saiam reforçados»⁸². A «Semana da Espanha» coincidiu com o início de uma muito noticiada visita de 18 dias aos Estados Unidos do Ministro da Informação e Turismo Manuel Fraga durante a qual sublinhou as recentes realizações materiais da Espanha e o papel histórico do país nas Américas.

4. *Sevilha 1992.*

Juntamente com as Olimpíadas de Barcelona e Madrid Capital Cultural da Europa, a Exposição de 1992 de Sevilha intergrava-se no tríptico através do qual a Espanha democrática se apresentava ao mundo. A ocasião seria uma comemoração histórica, o Quinto Centenário do encontro de Colombo com a América, e a Expo tinha o seu quartel-general no renovado mosteiro da Cartuxa, mas já não havia lugar para enganos: a Espanha de 1992 era um país moderno, próspero e vital, incluindo até comboios de alta velocidade.

A imagem que a Secção Espanhola escolheu apresentar aos visitantes da feira combinava o passado com o presente mas realçava-se sem qualquer ambiguidade o último. Além disso, a atitude em relação à «gloriosa» história nacional de Espanha era muito mais reservada do que no passado. Acima de tudo, a Espanha que se mostrava agora era cultural e politicamente pluralista e diversificada. A versão oficial seria elaborada pelo Comissário-Geral González Pérez: «Mostrar a realidade de um país moderno, dinâmico e aberto cujas contribuições para a História Mundial foram muitas vezes excepcionais e mesmo decisivas, como com a incorporação do continente americano na cultura europeia, que situa a Espanha numa posição privilegiada no contacto entre a Comunidade Europeia e a América em desenvolvimento. Na prática, isto deve ser feito com o máximo respeito para com o nosso próprio pluralismo e sem triunfalismo... Com os nossos olhos no presente e no futuro, queremos sublinhar aspectos essenciais da *nossa proposta moderna, longe das glórias passadas do império*, e orientarmo-nos mais na direcção da cooperação internacional e da integração, o produto da vontade popular da imensa maioria dos espanhóis contemporâneos...

«Um dos objectivos da Secção Espanhola é a preocupação com a modernização do estereótipo que muitos cidadãos de outros países ainda têm na sua memória cultural acerca da forma de vida, folclore e até estrutura política e social da sociedade espanhola... É muito importante que os nossos parceiros estrangeiros recebam *a imagem da Espanha do século XX: diversidade cultural, tolerância, trabalho e desejo de modernização são as ideias-chave de hoje.*

«A sociedade espanhola explodiu... de uma profunda letargia; o Estado, que fora absolutamente centralizado durante séculos, evoluiu no sentido de um equilíbrio de poderes no dar e receber gerados pela emergência e vigor das Comunidades Autónomas, as instituições, a família e o indivíduo. Tudo mudou a um ritmo estonteante. Este processo captado numa fotografia impossível seria a Espanha de hoje, a que queremos reflectir neste belo mosaico»⁸³.

A representação – e a realidade – do pluralismo político era sem precedentes. Em Paris em 1937 a República reservara espaço dentro do pavilhão nacional

para as regiões autónomas basca e catalã. Em Bruxelas e em Nova Iorque, o ferozmente centralista regime franquista reconhecia a inegável diversidade cultural do país mas reduzia-a ao nível de folclore. Em Sevilha em 1992, o *sui generis* e quase federal «estado das autonomias» espanhol materializava-se numa exibição imponente de dezoito pavilhões separados; o pavilhão da Espanha voltado para um arco constituído pelos pavilhões das dezassete Comunidades Autónomas.

Cada um destes pavilhões escolhera a sua mensagem, mas a modernidade, a mudança e o desenvolvimento eram as vozes dominantes. A Andaluzia, a região anfitriã, apresentava-se como «Terra de Mudança», «de uma perspectiva de modernidade, mudança e vitalidade... realçando o potencial para se converter num modelo de desenvolvimento equilibrado e harmonioso»⁸⁴. As Astúrias procuravam evitar «o folclórico e o pseudo-histórico» e ofereciam em seu lugar «uma imagem de qualidade superior e modernidade» que incluía a sua «permanente vocação europeia»⁸⁵. As Ilhas Baleares mostravam «a imagem de modernidade e progresso da nossa comunidade» enquanto a Catalunha se declarava «um país em movimento»⁸⁶. O pavilhão de Euzkadi era o mais abertamente político: o edifício recordava a casa de quinta tradicional do País Basco, com as suas janelas alinhadas para que desenhassem a bandeira regional, a *ikurriña*: «Esta fachada, serena e de tons leves durante o dia... torna-se agressiva à noite, transformando-se nas cores da bandeira, branco, verde e vermelho»⁸⁷. Neste contexto, a decisão de Murcia de se centrar em dois períodos do seu passado: o Islâmico, encarnado em Ibn Al Arabi, e o Barroco, encarnado em Francisco Salzillo, surgia como uma excêntrica, enquanto que Castilla-La Mancha, que representava «o espírito castelhano, voltado para si mesmo e algo sombrio no exterior», parecia pertencer a uma outra era⁸⁸.

O contraste entre esta representação da Espanha e a que era produzida na feira mundial que anteriormente havia acolhido não podia ser maior. Na Exposição de 1929 de Barcelona a Espanha estava representada como a «Aldeia Espanhola», na qual reproduções exactas de 320 edifícios, «casas e hotéis, monumentos e mosteiros» de todas as regiões do país se reuniam numa única «pequena aldeia... rodeada de grandes muros». Não só era esta Espanha um todo unificado único como era um lugar bem arredado da vida moderna, «uma cristalização única da imemorial vida da aldeia... onde a vida da Espanha, imperturbada, continua»⁸⁹.

5. Conclusão.

A Espanha foi um dos países pioneiros no uso das Feiras Mundiais como ocasiões para a auto-apresentação da nação, e desde que os primeiros pavilhões nacionais fizeram a sua aparição em 1867 a Espanha tem tido uma presença continuada. As únicas feiras importantes de que esteve ausente foram a Feira Mundial de Nova Iorque de 1939, que começou logo após o fim da guerra civil, e a Expo 67 de Montreal, que surgiu muito pouco tempo depois do grande e dispendioso sucesso espanhol em Nova Iorque e que seria considerada uma proposta demasiado cara para os benefícios que traria.

As representações da Espanha estão longe de ter sido estáticas. Muitas das mudanças podem ser directamente relacionadas com as alterações no regime político mas a correlação entre regime e representação nem sempre tem sido exacta. Isto é bem claro no caso da arquitectura. O pavilhão da República de 1937 abandonava o histórico em nome do contemporâneo, e o regime de Franco reteve a prática de se mostrar em edifícios altamente modernistas. Por outro lado, no tratamento da questão da diversidade a relação entre mudanças políticas e mudanças na auto-apresentação é extremamente directa. A diversidade como questão política seria primeiro abordada pela República em 1937. Sem grandes surpresas, o regime de Franco negava à diversidade interna qualquer validade política e reduzia-a a uma questão de folclore⁹⁰. Em 1992, o «estado das autonomias» era representado por dezoito governos separados, cada qual com o seu pavilhão.

A preocupação com o seu lugar na América Latina era uma questão repetida nas participações espanholas. Foi maior em 1893 e em 1964-65, quando a Espanha procurou reiterar a sua importância para os latino-americanos nas feiras realizadas nos Estados Unidos – que realmente lhes era importante – e em 1992, quando a ocasião para a realização da feira foi o Quinto Centenário da chegada de Colombo à América. O que diferiu de um regime para o outro foi o tom: a Espanha de Franco ainda reclamava um papel de liderança como *madre patria* do mundo latino-americano que a Espanha democrática não podia nem tinha. As suas pretensões eram muito mais modestas, limitando-se a servir de ponte entre a América Latina e a União Europeia.

Quanto ao regime de Franco em si, a Exposição de 1958 e a Feira Mundial de 1964-65 apanharam-no num momento crucial de mudança na sua política económica, da autarcia para a liberalização e o desenvolvimento. As tentativas do regime de construção da imagem apropriada reflectiam esse momento. Em Bruxelas o objectivo era absolutamente político: gerar legitimidade internacional para a Espanha de Franco, enquanto que em Nova Iorque o político recuara – mas

não desaparecera – e o económico tornara-se mais importante. Tanto em Bruxelas como em Nova Iorque o regime tentou apresentar uma imagem moderna e quebrar o estereótipo da «Espanha de pandereta», mas em nenhum dos casos o foi capaz. Ao mesmo tempo o regime procurou ancorar o desenvolvimento económico numa imutável Espanha da tradição. A tentativa infrutífera de encontrar um tema para o pavilhão de 1958 revela a confusão e conflito no seio do regime à medida que ia mudando de rumo. A transformação dos desejos em realidades (*wishful thinking*) presente no guia para a temporada de 1965 sugere que já nessa altura algumas pessoas de dentro do regime tinham percebido que a aposta na mudança económica e na continuidade política seria uma aposta perdida.

Através da sua participação nas feiras mundiais de 1958 e 1964-65 o regime de Franco tentou criar uma nova e moderna imagem para a Espanha e transmitir essa imagem ao povo espanhol. Mas em nenhuma das ocasiões o regime estava preparado para deixar para trás a sua história e as suas obsessões ideológicas com o espiritual e o permanente. O resultado era um equilíbrio difícil no qual o passado obscurecia o presente e o velho o novo. Nestas feiras, e especialmente na imagem usada para consumo interno, a «Espanha de pandereta» estava viva e de boa saúde. Caberia à monarquia constitucional desfazer-se do «fardo do estereótipo» e substituí-lo por uma nova visão que sem ambiguidades afirmasse a modernidade e diversidade política da Espanha⁹¹. Nisto, pelo menos, a monarquia foi a herdeira da Segunda República. A «Espanha» construída pelas autoridades espanholas, nacionais e regionais, em 1992 recordava o passado ao mesmo tempo que mantinha os olhos postos no presente e no futuro.

- 1 E. Hobsbawm, «Mass producing Traditions: Europe, 1870-1914», in E. Hobsbawm e T. Tanager, (eds.), *The Invention of Tradition*, Cambridge, 1983, pp. 263-307; C. Serrano, «Challenged Myths, Weak Symbols: Problems in Constructing a National Consciousness in Nineteenth Century Spain», comunicação apresentada na *Annual Meeting of the Society for Spanish and Portuguese Historical Studies*, Tucson, Abril de 1996.
- 2 R. Rydell, *All the World's a Fair*, Chicago, 1984, p. 2; R. Rydell e N. Gwinn, «Introduction», *Fair Representations*, Amsterdão, 1994, p. 3.
- 3 J. Gilbert, «World's Fairs as Historical Events», in Rydell e Gwinn, *Fair Representations*, p. 13.
- 4 M. Tenorio-Trillo, *Mexico at World Fairs: Crafting a Modern Nation*, Berkeley, 1996, pp. 242-43.
- 5 *Comunidades autónomas*, Sevilha, 1992, p. 1.
- 6 E. Kaufman, «The Architectural Museum from World's Fair to Restoration Village», in *Assemblage*, 1989, p. 21.
- 7 B. Schroeder-Gudehus e A. Rasmussen, *Les Fastes du progrès*, Paris, 1992; Rydell, *All the World's...*, p. 13.
- 8 Ver, entre outros, A. Shubert, *A Social History of Modern Spain*, Londres, 1990, pp. 203-5.
- 9 B. Anderson, *Imagined Communities*, Londres, 1993, cap. 6.

- 10 E. Sandweiss, «Around the World in a Day: International Participation in the World's Columbian Exposition», in *Illinois History Journal*, Primavera de 1991, p. 7; E. Pupuy de Lôme, «Spain at the World's fair», in *North American Review*, 1893, p. 337.
- 11 N. Vallis, «Women's Culture, Spain and the Chicago World's Fair, 1893», manuscrito não-publicado, p. 18. Agradeço à Professora Vallis ter-me concedido autorização para a citação do seu artigo.
- 12 *Ibid.*, pp. 31-44.
- 13 Rydell, *World of Fairs*, p. 11; *Official Guide Book of the Fair*, Chicago, 1933, esp. pp. 92-96; *Official World's Fair Weekly*, 3 de Junho de 1933.
- 14 F. Martín Martín, *El pabellón español en la Exposición Universal de Paris de 1937*, Sevilha, 1982, pp. 33-35.
- 15 *Ibid.*, pp. 212-13. Itálico nosso.
- 16 K. Bastlund, *José Luis Sert*, Nova Iorque, 1967; Martín Martín, *El pabellón español*, pp. 212-3; D. Ades, *Art and Power: Europe under the Dictators*, Londres, 1995, p. 67.
- 17 Citado em Martín Martín, *El pabellón español*, p. 45.
- 18 Exposition Universelle et Internationale de Bruxelles, 1958, *Synthèse*, Bruxelas, 1959, pp. 6-10.
- 19 B. Schroeder-Gudehus e D. Cloutier, «Popularizing Science and Technology During the Cold War», in *Fair Representations*, pp. 165-66.
- 20 Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AMAE) R4620, Expediente 2. Itálico nosso. O Embaixador tinha razão acerca dos custos: o Governo fez o orçamento em 24.635.000 pesetas mas o preço final atingia mais do dobro, 57.647.994 pesetas. AMAE, R4622, Exp. 5.
- 21 AMAE, R4621, Exp. 7.
- 22 *Ibid.*
- 23 AMAE, R4622, Exp. 10.
- 24 *Ibid.*, Exp. 2.
- 25 AMAE, R4626, Exp. 10, R4621, Exp. 7.
- 26 AMAE, R4626, Exp. 10. Esta encruzilhada cultural incluía muçulmanos mas não judeus.
- 27 *Ibid.*, itálico nosso.
- 28 *Ibid.*
- 29 AMAE, R4621, Exp. 7
- 30 AMAE, R4628, Exp. 16
- 31 AMAE, R4626, Exp. 10
- 32 *Ibid.*
- 33 Arquivo NoDo, Televisão Espanhola (RTVE), Madrid, 709.
- 34 *Ibid.*
- 35 *Arriba*, 16 de Abril de 1958.
- 36 *Ibid.*, 18 de Abril de 1958.
- 37 *Ibid.*, 2 de Agosto de 1958.
- 38 *Ibid.*, 26 de Julho de 1958.
- 39 *Ibid.*, *Ya*, 21 de Maio de 1958; *Destino*, 14 de Junho de 1958.
- 40 AMAE, R4622, Exp. 5.
- 41 *Arriba*, 4 de Setembro, 28 de Agosto de 1958
- 42 *Ibid.*, 1 de Agosto de 1958.
- 43 *Ibid.*, 22 de Agosto de 1958.
- 44 Para um relato detalhado ver R. A. Caro, *The Power Broker*, Nova Iorque, 1974, especialmente no cap. 47.
- 45 AMAE, R11.159, Exp. 12.
- 46 As considerações políticas continuavam presentes para os americanos. De acordo com Bruce Nicholson, que se encarregou das relações da Feira com o mundo hispânico, quando Robert Moses teve uma audiência com o General Franco para tentar convencê-lo a enviar o quadro do El

- Greco «O enterro do Conde Orgaz» para a temporada de 1965 da Feira, Nicholson foi avisado pelo Departamento de Estado de que sob nenhuma circunstância seria permitido a Moses dizer algo que pudesse ser interpretado como um convite a Franco de visitar os Estados Unidos. «Make damn sure that Moses doesn't get tempted into inviting Franco to come to this country», B. Nicholson, *Hi Ho. Come to the Fair*, Huntington Beach, 1989, pp. 199-200.
- 47 AMAE, R7417, Exp. 3.
- 48 *Ibid.*
- 49 *Ibid.* O problema da Feira não ter a sanção do BIE seria ultrapassado tornando a participação da Espanha não-oficial, como outros países europeus haviam feito. No caso da Espanha não era de forma nenhuma claro que diferença prática isto teria. De facto, uma obra de referência afirma que a Espanha foi um dos poucos países a participar oficialmente, J. Findling (ed.), *Historical Dictionary of World's Fairs and Expositions, 1851-1988*, Nova Iorque, 1991.
- 50 AMAE, R11.159, Exp. 12.
- 51 *Ibid.*, Exp. 11.
- 52 *Ibid.*, Exp. 12.
- 53 *New Official Guide. Pavillion of Spain*, Madrid, 1965, pp. 1, 13.
- 54 *Arriba*, 23 de Abril de 1964.
- 55 *New Official Guide. Pavillion of Spain*, Madrid, 1965, pp. 1, 33, 55-56.
- 56 Embora na cerimónia de abertura o Cardeal de Nova Iorque tivesse abençoado o pavilhão.
- 57 *Guide*, pp. 175, 181, 182.
- 58 *Ibid.*, pp. 187-88.
- 59 *Ibid.*, pp. 40-42.
- 60 *Remembering the Future: the New York World's Fair, 1939-1964*, Nova Iorque, 1989, p. 148. O pavilhão era também a exposição estrangeira favorita de Robert Moses, Nicholson, *Hi. Ho! Come to the Fair*, p. 81.
- 61 *Guide*, p. 12.
- 62 *Ibid.*, p. 56.
- 63 *Life*, 7 de Agosto de 1964. «Espanha de pandereta» é uma frase muito difícil de traduzir, refere-se à imagem folclórica da Espanha.
- 64 *Arriba*, 22 de Janeiro de 1964.
- 65 RTVE 1058B, 1088B.
- 66 *Ibid.*, 1113A, 1121C, 1128B.
- 67 *Ibid.*, 1113A, 1128B.
- 68 *Ibid.*, 1121C.
- 69 Em Bruxelas, o comité organizativo proibira uniformes militares e policiais nos pavilhões nacionais, por isso a Guarda Civil que havia sido enviada teve que envregar traje civil, AMAE, R4622, Exp. 5. Em Nova Iorque não havia tal proibição.
- 70 RTVE 1128B.
- 71 RTVE.
- 72 *Arriba*, 23 de Abril de 1964.
- 73 *Ibid.*, 27 e 29 de Abril, 27 de Junho, 30 de Julho 30 de 1964.
- 74 *Ibid.*, 30 de Abril de 1964.
- 75 *Ibid.*, 21, 25 de Abril; 12 de Maio; 13, 17, 28 de Junho; 1, 3, 9 de Julho de 1964.
- 76 *Ibid.*, 17 de Junho de 1964.
- 77 *Ibid.*, 13 de Junho de 1964.
- 78 *Ibid.*, 30 de Julho de 1964.
- 79 *Ibid.*, 21 de Agosto, 11 de Setembro de 1964.
- 80 *Ibid.*, 27, 28 de Junho de 1964.

- 81 *Ibid.*, 3 de Julho de 1964.
- 82 *Ibid.*, 7 de Outubro de 1964.
- 83 *Comunidades Autónomas*, p. 1.
- 84 *Pabellones*, Sevilha, 1992, p. 20.
- 85 *Ibid.*, p. 40.
- 86 *Ibid.*, pp. 50, 102.
- 87 *Ibid.*, pp. 170-72. Itálico nosso.
- 88 *Ibid.*, p. 82.
- 89 J. Pi Joan, «The Spanish Village», in *Art and Archeology*, Abril de 1929, pp. 165-67, 185. O Pueblo Español era só um exemplo das aldeias restauradas que se tornaram populares no final do século XIX, cujo mais impressionante exemplo é o bairro de Estocolmo Skansen, ver Kaufman, «Architectural Museum».
- 90 Para o regime de Franco o folclore servia como «um armazém de trajes, danças e canções que, para usar a retórica da altura, ‘davam uma cor brilhante e variada à unidada indissolúvel da Pátria’», L. Díaz, «La manipulación de la cultura popular en España: entre el folklorismo homogenizador y la búsqueda de señas de identidad», in R. Herr (ed.), *Iberian Identities*, Berkeley, 1989, p. 99.
- 91 J. Alvarez Junco, «Spain, the Burden of the Stereotype», comunicação na Tufts University, 18 de Maio de 1994.